

# O Sincretismo do Diabo e de Exu e o Arquétipo da Alteridade<sup>1</sup> Um Estudo da Psicologia Simbólica Junguiana<sup>2</sup>

Carlos Amadeu Botelho Byington<sup>3</sup>

## Introdução

O fenômeno do sincretismo foi abundantemente praticado pelos escravos negros na América Latina. Diferentemente da América do Norte, onde pastores protestantes dedicaram-se intensivamente à conversão dos escravos, a Igreja Católica, simplesmente, proibiu a sua religião e isto os levou a continuar adorando os seus deuses de forma disfarçada com o nome de santos católicos. Escravos da cultura Yorubá-Nagô, vindos principalmente da África Ocidental, sobretudo da Nigéria e do Daomé, adotaram a palavra “santo” para Orixá, São Jorge para Ogum, Cristo para Oxalá, São João Batista, São Pedro e São Paulo para Xangô, São Sebastião para Oxossi, Santa Bárbara para Iansã, São Lázarus para Obaluaê, Nossa Senhora Aparecida, a Padroeira do Brasil e Nossa Senhora da Conceição para Iemanjá e muitos outros. Com Exu, todavia, algo muito diferente ocorreu, pois foi o colonizador o que o identificou com o Diabo.

Jung costumava dizer que as projeções freqüentemente são atraídas por um anzol. No caso de Exu, qual seria o conteúdo desta projeção e também a natureza deste anzol?

O simbolismo que abrange este fenômeno é tão intensamente arquetípico que nós precisamos elaborá-lo dentro da **antropologia comparada**. Para fazê-lo, amplifiquei o conceito junguiano de **Self Individual** para abranger também a dimensão coletiva que eu chamo **Self Cultural**. Separei também o conceito de Self, definido por Jung como a soma total dos fenômenos psíquicos, do principal dos arquétipos, que denomino Arquétipo Central, seguindo Jung (1912) e Perry (1966).

Por antropologia comparada, não quero significar somente o processo de amplificação empregado por Jung, mas também a comparação entre os significados normais e

---

<sup>1</sup> Palestra apresentada no XVII Congresso da IAAP, Cidade do Cabo, agosto de 2007.

<sup>2</sup> Agradeço ao Dr. Augusto Capelo pela orientação teórica e prática do Candomblé.

<sup>3</sup> Médico Psiquiatra e Analista Junguiano. Membro Fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Educador e Historiador. Criador da Psicologia Simbólica Junguiana. R. Santa Justina, 352 conj.134 Vila Olímpia – São Paulo – SP CEP 04545-041  
Tel.55 11 3845-3663

E-mail: [c.byington@uol.com.br](mailto:c.byington@uol.com.br). Site: [www.carlosbyington.com.br](http://www.carlosbyington.com.br)

patológicos da expressão dos símbolos, complexos e arquétipos no Self de diferentes culturas. Não é necessário dizer, que este método requer uma atitude religiosa para considerar cuidadosamente a dimensão do sagrado e também uma isenção científica para evitar o etnocentrismo. Nesta perspectiva, tudo na Psique é simbólico e arquetípico. Os conceitos de símbolo e função são aqui ampliados para incluir todas as polaridades como subjetivo e objetivo, pessoal e patológico, consciente e inconsciente. Através da elaboração simbólica, símbolos e funções estruturantes expressam o processo de individuação descrito por Jung e o processo de humanização da matéria concebido por Teilhard de Chardin (1956), para formar a Consciência individual e coletiva (Byington, 2004).

Jung (1950) definiu a Sombra como uma parte do Self que é antagônica aos valores da Consciência e contém símbolos do mesmo gênero que o Ego. Ampliei este conceito para incluir símbolos e complexos de ambos os gêneros. A partir dos conceitos de fixação e defesa da Psicanálise, descrevi a formação da Sombra através da fixação de símbolos, funções e complexos do inconsciente reprimido. Entretanto, diferentemente da Psicanálise, emprego o conceito de defesa somente para a patologia o que torna a Sombra sempre defensiva, ou seja, patológica e maléfica (Byington 2006).

Considero Exu e o Diabo, símbolos do Arquétipo da Alteridade devido à sua intermediação entre o humano e o divino, o Bem e o Mal e, principalmente, entre a vida e a morte o que explica o seu sincretismo. Todavia, eles expressam símbolos e funções estruturantes que atuam de maneira oposta no Self Cultural Yorubá-Nagô e no da cultura ocidental. Exu, como Cristo, expressa a função estruturante normal do sacrifício, enquanto que o Diabo expressa a Sombra do mediador no Self Cultural do Ocidente.

O Diabo é o herdeiro de Satã no Cristianismo, representando tentação, pecado, inferno e tudo o que é mau, em flagrante oposição às virtudes de Cristo. A idéia do Diabo coincide com o conceito de Sombra aqui apresentado como uma fixação e uma expressão defensiva dos símbolos, porque a sua essência é separá-los da consciência normal. A etimologia da palavra símbolo vem de *syn-ballein*, lançar junto, e a palavra Diabo, *Diabolos*, o caluniador, provém de *dia-ballein*, lançar através, isto é, separar (Dic. Webster).

Na medida em que a Inquisição aumentou a repressão do pecado em nome de Cristo, o Diabo se tornou cada vez mais maligno e poderoso, a ponto de adquirir a importância de ser chamado de Anti-Cristo, equivalente à Sombra de Cristo. A Igreja cultivou a figura de Jesus pregado na cruz, sangrando e sofrendo, ou morto, um símbolo de grande impotência. Enquanto isso a figura do Diabo cresceu em poder, esperteza, magia, sedução e criatividade

para tentar as pessoas com o pecado, o que justificou o confisco da propriedade, a prisão, a tortura e até mesmo a pena de morte para combatê-lo.

Se percebermos o Self Cultural Europeu da Idade Média a partir de uma perspectiva sistêmica, é difícil deixar de ver que foi a própria atitude repressiva da Igreja que fortaleceu a catexis simbólica da figura do Diabo. Projeção e identificação caminham de mãos dadas, e por isso, quanto mais o Cristianismo projetou o Mal na figura do Diabo, mais ele próprio se tornou diabólico. Por isso, o sadismo foi maciçamente atuado contra as culturas índias (Gambini, 2000) e as culturas negras no Novo Mundo.

De acordo com a minha definição de Sombra, podemos dizer que o Diabo acumulou progressivamente cada vez mais características do Cristo vivo, que se tornaram fixadas e foram, assim, expressas defensivamente. Como descrevi no meu livro *Inveja Criativa*, os sete pecados capitais representam funções estruturantes normais, que se tornaram fixadas e malélicas (Byington, 2002). Duas grandes funções estruturantes desta Sombra, que chamam nossa atenção, em contraste com a inocência e a impotência do Cristo crucificado, são a agressão e a sensualidade, ambas características proeminentes do Diabo. Exatamente essas duas funções são exuberantes e normalmente expressas por Exu, o que explica claramente os conteúdos da projeção do Diabo sobre Exu, como Sombra de Cristo.

Ampliei o conceito de arquétipo para abranger, além do inconsciente coletivo, também **cinco posições arquetípicas da relação do Ego e do Outro na Consciência**, através de um Quatérnio Arquetípico Regente, que elabora símbolos coordenados pelo Arquétipo Central. Este quatérnio é formado pelos Arquétipos Matriarcal, Patriarcal, de Alteridade e de Totalidade.

Continuando as pesquisas de Bachofen (1861) e Neumann (1949), descrevi o Arquétipo Matriarcal não como o arquétipo feminino da Grande Mãe, mas como o arquétipo da sensualidade, incluindo ambos os gêneros e o Arquétipo Patriarcal, como o arquétipo da organização também presente na Psique do homem e da mulher. O Arquétipo Matriarcal articula a relação do Ego com o Outro numa **posição insular** de grande intimidade, que Jung, seguindo Levy-Brühl, freqüentemente denominou participação mística. A intimidade do Ego e do Outro nessas ilhas propicia um padrão de consciência intensamente sensual, que favorece a fusão e o intercâmbio do sujeito e do objeto na magia e de conteúdos do Consciente e do Inconsciente na identificação inconsciente. Por outro lado, o Arquétipo Patriarcal articula o Ego com o Outro numa **posição polarizada**, capaz de grande abstração e organização, que pode ser articulada com muitas polaridades e formar sistemas. Esta

separação cartesiana do Ego e do Outro numa posição estritamente polarizada formando sistemas propicia que o princípio do poder exerça o controle com grande eficiência sobre a realidade interna e externa.

Denominei o terceiro arquétipo regente de Arquétipo da Alteridade. Ele abrange os Arquétipos da Anima e do Animus e articula o Ego e o Outro em todas as polaridades incluindo a polaridade matriarcal e patriarcal através de um padrão dialético de relacionamento igualitário. Nesta **posição dialética**, através do princípio da sincronicidade, a Consciência se torna capaz de relacionar o Ego com o Outro e todas os demais pares de opostos com iguais direitos para expressar suas diferenças. Este padrão de relacionamento é tão criativo que nos permite ver os graus mais variados de oposição presente nas polaridades, incluindo, até mesmo, em casos extraordinários, a sua igualdade, como foi formulado pela Tábua de Esmeralda na Alquimia.

O quarto arquétipo regente é o Arquétipo da Totalidade. Ele coordena a relação do Ego e do Outro na **posição contemplativa**, que propicia a visão de mundo sistêmica e holística.

Através da função transcendente, estes quatro Arquétipos Regentes articulam a Consciência com o Inconsciente Coletivo durante o processo de elaboração simbólica no Eixo Simbólico (Eixo Ego-Self de Neumann). A posição dialética do Arquétipo de Alteridade permite à Psique a sua máxima produtividade na elaboração simbólica e, em virtude desta capacidade, a Consciência pode almejar o ideal cristão de amar ao próximo como a si mesmo, que corresponde à atitude budista de compaixão e de busca do caminho do meio, e, também, da presença sacrificial de Exu em todas as transformações da vida.

Exu é um deus das encruzilhadas, e como Cristo, Budha e Hermes, Ele intermedia o Ayé, que é o aqui-e-agora e o Orun, a dimensão transcendente dos deuses, arquétipos e espíritos (os *Egun*) no além.

O Mito ensinou os Nagô que Exu recebeu ordens do deus supremo **Olorum** para viajar pelo mundo e colecionar acontecimentos importantes, que afetam os deuses e os humanos. Ele colecionou 301 histórias, um número que para os Nagô significa sem limite e as transmitiu ao deus **Erunmilá** ou **Ifá**, cujos seguidores se tornaram os *Babalawôs*, os sacerdotes do oráculo. Estas histórias foram colecionadas em **dezesseis capítulos**, cada um subdividido em **dezesseis partes**, todas aprendidas de cor pelos *Babalawôs*, que não tinham linguagem escrita. Quando o *Babalawô* consulta o oráculo de Ifá, revela-se um **Odu** que é a parte de um mito, que descreve os problemas da pessoa que consultou o Oráculo e

recomenda o seu tratamento. Este inclui determinados rituais e oferendas sacrificiais aos Orixás. Estes mitos organizam as crenças, os costumes e os rituais de toda a vida social dos Nagô. Cada ser humano descende de um Orixá e o oráculo revela qual (Elbein dos Santos, 1975).

Exu, também chamado Legba, Bara e Elegbara, é uma parte de todos os humanos e deuses e sem ele a vida não pode existir. Movimento, mudança, negócios e sexualidade, tudo depende dele. Ele foi escolhido pelo deus supremo Olorum (Olodumaré), para liderar os deuses, porque foi quem melhor cuidou dos Ebó (oferendas). Assim, tornou-se o deus do sacrifício (Exuolobe) e das oferendas (Exu Elebó). Ele tem características de trikster e é muito raivoso quando frustrado. Sua representação típica no cabelo é a faca-falo que expressa a fertilidade e o sacrifício. Ele pune especialmente aqueles que desrespeitam os rituais de oferendas.

Olorum, o deus supremo expressa a vida de uma maneira geral e Exu, o desenvolvimento de todos os seres e coisas. Cada pessoa tem o seu Exu individual, que se abre para o desenvolvimento e a diferenciação. O **okotó** é a imagem espiritual dentro dos búzios que representa Exu e o processo de desenvolvimento que é simultaneamente variado e único. Exu é uma unidade multiplicada infinitamente e, por conseguinte, ele é relacionado com o número 1. Ele é tão poderoso que geralmente não entra no ritual de possessão sendo representado por Ogum, o primogênito dos Orixás, enquanto que Exu é apresentado como um filho universal dos Orixás. Da forma como ele está aqui descrito é quase que impossível não associarmos a função de Exu no Self Cultural Yorubá-Nagô com a imagem de Cristo e os Seus significados de Filho de Deus, Anima Mundi, sacrifício e função transcendente. Exu como imagem arquetípica é um exemplo exuberante da extensão do meu conceito de símbolo, para incluir todas as polaridades, inclusive mundo interno e mundo externo.

### **Ifá, Exu e o Sistema Oracular**

A maioria da mitologia Yorubá-Nagô é contada através de histórias colecionadas por Exu e dadas por Orumilá, seu pai e dono do oráculo. Estas histórias são guardadas pelos sacerdotes *babalawôs* que lêem a sua revelação no oráculo. A estrutura do ritual de revelação do oráculo é surpreendentemente semelhante ao do *I Ching*, o que sugere uma relação quaternária comum e sincronística deles com o Arquétipo Central. O oráculo revela ao *babalawô* o Odu pertinente a cada consulta através de dois métodos. Um resulta do jogo de

16 sementes de dendê (*ikin Ifá*) ou búzios, e o outro do jogo de uma cinta (*opele Ifá*) onde estão penduradas oito sementes (*Schrebera Arborea*). O jogo dos búzios forma duas colunas verticais que se combinam quatro vezes com uma ou duas linhas que correspondem à linha inteira e à linha quebrada do *I Ching*. Existem 16 possibilidades de combinações para cada coluna e cada uma tem um nome. Juntas elas perfazem 256 Odus, que compõem o Oráculo de *Ifá*. A sua revelação oracular subordinada às combinações numéricas dentro do princípio da sincronicidade do interno (realidade subjetiva) e externa (o ritual) expressa a riqueza da relação dialética dos opostos, característica do Arquétipo de Alteridade.

### O Axexé ou Ritual da Morte

Um exemplo extraordinário da relação dialética entre os opostos da vida e da morte (*aye* e *orum*), coordenadas pelo Arquétipo de Alteridade na sociedade Yorubá-Nagô, é o *ase* ou ritual da morte. Ele dura sete dias, durante os quais o *Axé*, ou energia dos mortos é transferido a este mundo do *Aye*, para o outro mundo, o *Orum*, e se torna um espírito, um *Egum*. Os *Egungun* formam uma sociedade que pode ser invocada para guiar os vivos.

Depois da morte, o corpo se desintegra e se torna parte de elementos cósmicos representados pelas cores branco, vermelho e negro. Alguns dias depois do enterro, o *axexé* é desempenhado pela comunidade, que participa nas orações e nas oferendas sacrificiais. Da mesma forma que o início da vida significou uma perda de energia, de *Axé*, da substância geradora para individualizá-la, a morte significa a destruição desta individualidade e sua reposição no além. Para esta reparação, muitos pertences do morto são ritualmente destruídos e oferendas e sacrifícios são ofertados. *Exu Elebó* os carregará e assegurará a transferência de *Axé* para o *Orum*, para o além. Desta maneira, o ciclo individual da vida é completado e integrado na existência cósmica.

*Exu*, Cristo e Budha expressam o princípio do Filho que vem redimir o mundo dos apegos que limitaram a existência do casal parental cósmico (Neumann, 1949) e trazer a salvação e a iluminação. Nesse sentido, a estória *Atorum d'Orum Exu* do *Odu ogbe-Hunle* é extraordinária. Ela descreve o nascimento e a propagação de *Exu* como o povoador do *Ayé* e dos nove espaços do *Orum*, do além.

Na origem das coisas, o deus *Olodumaré* e o deus *Obatalá* começaram a criar os seres e criaram *Exu*, que se mostrou mais poderoso que seus criadores. Assim, *Olodumaré* determinou que *Exu* vivesse com *Obatalá*, que o mandou ficar à porta de entrada de sua

casa e executar serviços diários. Aconteceu que *Orunmilá (Ifá)* queria um filho e veio pedi-lo a *Obatalá*. Ele viu *Exu* e o desejou como filho, mas *Obatalá* recusou. *Orunmilá* insistiu e *Obatalá*, finalmente, disse a ele simplesmente para tocar *Exu* e ter relações com sua mulher *Yebiiru* quando voltasse à casa. Doze meses depois, *Exu Elegbara* (O Senhor do Poder) nasceu e teve muita fome. Mimado por sua mãe, ele comeu todos os animais da terra, mas continuou faminto. Sua mãe continuou a mimá-lo e ele finalmente a engoliu também. A seguir, ele queria também comer seu pai, mas *Orunmilá* levantou sua espada e cortou *Exu* em 200 pedaços, que são os *Yangi* (pedaços de laterita) usados para povoar os nove espaços do *Orum*, do além. *Exu* e *Orunmilá* finalmente celebraram a paz. *Exu* devolveu sua mãe e concordou que todos os *Yangi* seriam representações de *Orunmilá* e obedeceriam a ele como filhos (Elbein dos Santos, 1975).

Joana Elbein dos Santos (1975), em cujo livro “Os Nagô e a Morte” encontrei a maior parte destas informações sobre *Exu*, enfatiza a importância de associar *Exu Elebó*, o transportador das oferendas e sacrifícios, com o funcionamento global do Self Cultural Yorubá Nagô. *Exu Ogise Ebo* (o transportador do Ebo) é o terceiro elemento, o princípio do filho que, como *Exu Yangi*, devolve à criação tudo o que foi por ele devorado. Esta reparação é levada à cabo por todos aqueles que se relacionam com a divindade. Simbolicamente, isto significa que cada um de nós devorou biologicamente uma herança genética, que deve ser devolvida existencialmente através do sacrifício (Ebo), isto é, através da elaboração simbólica. Oferendas e sacrifícios praticados no ritual reproduzem na cultura aquilo que deve ser praticado por cada um durante a vida. Estas elaborações são integradas na Persona e propiciam a individuação e a humanização da cultura.

### **O sacrifício do Cristo, Comunhão, o Ebo de Exu e Buri**

O ritual central de sacrifício do Cristianismo é o sacrifício do Filho adulto completamente consciente da Sua missão messiânica heróica. Desde este sacrifício, o Pai e o Filho são intermediados pelo Espírito Santo, que expressa o simbolismo da função transcendente, operando na posição dialética de alteridade. A principal diferença que vejo com os rituais Yorubá Nagô de sacrifício, através de *Exu Elebó*, é que muitos *Yangis* estão presentes em animais e são sacrificados e reintegrados à criação para manter a harmonia permanente entre o *Aye* e o *Orum*. Seres humanos devem submeter-se à cerimônia de iniciação do *Buri* para abrir e transformar a cabeça e poder integrar *Exu* e a relação dialética que eles terão

com o seu Orixá, através do *Ebo*, no ritual da possessão. Este é um equivalente simbólico da missa católica, cujo ponto culminante é o milagre de sincronicidade da Eucaristia, no qual ocorre a comunhão sagrada com Cristo. Isto propicia a mesma abertura da cabeça, uma verdadeira revelação para participar no sacrifício do Cristo e na relação dialética entre o Pai e o Filho no mistério da Trindade (Jung, 1940-1941).

A pluralidade do sacrifício animal dos Yorubá Nagô corresponde à sua dominância politeísta, enquanto que a crucificação expressa o sacrifício do Cristo numa tradição predominantemente monoteísta. Ambos expressam o Arquétipo da Alteridade na relação do humano e do divino.

### **A Intermediação do Casal Parental Mítico Através do Filho**

Minha hipótese central na estruturação da Consciência é que os arquétipos Matriarcal e Patriarcal relacionam-se desde o início da civilização de maneiras diferentes ilustradas pela mitologia de cada cultura.

Devido à gravidez, à amamentação e às atividades do lar, o Arquétipo Matriarcal e a sua sensualidade foram projetados no feminino e na mulher durante o desenvolvimento da civilização. Isto levou muitos pesquisadores a identificar e a nomear a sensualidade deste arquétipo como a Grande Mãe. Esta é, contudo, uma visão unilateral do arquétipo da sensualidade que exclui a sua presença no homem e no masculino. De fato, além da fertilidade das deusas mães na mitologia, nós encontramos, também, a fertilidade dos deuses pais, abundantemente expressa como, por exemplo, nos casos de Uranos e Cronus, dois deuses famosos da agricultura e de muitos outros deuses da fertilidade, em muitas culturas. Na cultura Yorubá Nagô, o deus pai Obatalá, que cria o mundo, foi desde o início associado à fertilidade e ao vinho e o seu companheiro Odudua, que cria a Terra, é muitas vezes representado como homem, às vezes como mulher e até mesmo bissexual (Verger, 1981).

Por outro lado, o Arquétipo Patriarcal, que é o arquétipo da organização, foi projetado principalmente no homem e no masculino devido à maior força física do homem e à sua incapacidade de gestar e de amamentar. Todavia, existem também muitas exceções na História para esta dominância patriarcal. Hera, por exemplo, deusa do Olimpo é uma defensora da lei da fidelidade no casamento, um claro requisito patriarcal para organização da instituição familiar, enquanto que Zeus, inquestionavelmente pai e soberano dos deuses

olímpicos é uma expressão exuberante do fertilizador, que é a característica essencial da sensualidade matriarcal.

O conceito de Jung do processo de individuação claramente descreve através da Anima e do Animus a presença do feminino no homem e do masculino na mulher, que ampliei para incluir os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal. Isto é muito útil para o processo de individuação do homem e da mulher, bem como para a compreensão dos seus papéis na família e na sociedade. A esse respeito, descrevi uma tipologia arquetípica, que complementa a tipologia junguiana das funções da Consciência, pois descreve a dominância tipológica matriarcal e patriarcal no Self Individual e Cultural. Desta perspectiva, homens com dominância matriarcal, são muito capazes para cuidar de crianças e do lar e têm muitas habilidades tradicionalmente atribuídas às mulheres, como a decoração, a dança, a culinária, a moda e muitas outras. Por outro lado, mulheres com dominância patriarcal na sua tipologia têm uma inclinação natural para ciência, administração, e para muitas profissões tradicionalmente exercidas pelos homens como artes marciais, esportes perigosos e também cargos executivos.

### **Politeísmo e Monoteísmo**

O Arquétipo Matriarcal, que expressa essencialmente a sensualidade, e o Arquétipo Patriarcal, que expressa a organização mental, são os pilares do processo de elaboração simbólica que estruturam a Consciência no Self Individual e Cultural. Desde tempos imemoriais, estes dois arquétipos combinam-se de maneiras variadas, que estão expressas nos mitos, nos costumes, e nas instituições de todas as etnias.

Devido à natureza nômade, os grupos caçadores-coletores na pré-História dependeram grandemente das forças da Natureza e, por isso, tinham provavelmente uma grande tendência para a dominância do Arquétipo Matriarcal e da sua consciência característica insular, na qual o Ego e o Outro se relacionam intimamente em participação mística. Esta intimidade dominante matriarcal da relação Ego-Outro é acompanhada pelo animismo e pelo politeísmo em graus variáveis, e por uma mentalidade mítica mágica. Nós o encontramos através da História, em diferentes sociedades tribais e em graus variáveis, também, em grupos etimológicos modernos e em muitos indivíduos, independentemente da sua cultura e educação, sempre que haja uma dominância matriarcal.

A revolução agro-pastoril permitiu o armazenamento dos alimentos e o desenvolvimento das cidades. A organização da sociedade baseada na unidade familiar, mas classes sociais e na propriedade privada atingiu uma ativação extraordinária da organização mental e o Arquétipo Patriarcal se tornou dominante em muitos grupos étnicos, culturas e nações.

Bachofen (1861) descobriu a exuberância do Arquétipo Matriarcal nas culturas antigas, mas, reduziu as mulheres ao padrão familiar sociológico, o que inaugurou os conceitos evolutivos de matriarcado e patriarcado. Erich Neumann (1949) desenvolveu estas idéias na dimensão arquetípica e descreveu a fenomenologia do Arquétipo da Grande Mãe e do Arquétipo do Pai, reduzidos, respectivamente, ao feminino e ao masculino. Ele continuou a relacioná-los de uma maneira evolutiva na dimensão coletiva e, posteriormente, na dimensão do desenvolvimento individual. (1970)

Quando consideramos a natureza arquetípica dos padrões matriarcais e patriarcais de relacionamento, não devemos considerá-los de maneira evolutiva, como fez Freud com as fases da libido, oral, anal e genital e Bachofen e Neumann com o matriarcado e o patriarcado. Os arquétipos estão presentes na elaboração dos símbolos através do desenvolvimento individual e cultural, o que nos impede de relacioná-los hierarquicamente. Podemos, no máximo, descrever seus papéis dominantes nas diferentes fases do desenvolvimento.

Nesse sentido podemos relacionar o animismo e o politeísmo com a dominância matriarcal na cultura e o monoteísmo com a dominância patriarcal. Devido ao fato de que a polaridade patriarcal-matriarcal é a polaridade psíquica básica no desenvolvimento da Consciência, devemos ver qualquer dominância dinamicamente porque o arquétipo dominado está sempre presente e manifesta-se de uma forma ou de outra, através da compensação. Esta relação é coordenada pelo Arquétipo da Alteridade que favorece a interação das polaridades.

A manifestação crescente do Arquétipo da Alteridade através dos tempos levou-me a formular a Teoria Arquetípica da História que descreve a interação progressiva matriarcal-patriarcal em direção à alteridade. Hegel (1830-31) descreveu este processo através da tese da encarnação progressiva do espírito do mundo. Durante este processo histórico milenar, encontramos muitas culturas, como a grega e a hindu, que apresentam muitas características do politeísmo, mas que integraram muitos aspectos da alteridade e, por conseguinte, têm a sua elaboração simbólica também operando patriarcalmente.

Conseqüentemente, não podemos nos referir a nenhuma cultura do passado e ainda mais do presente, simplesmente como politeísta. Temos sempre que diferenciar as culturas politeístas de predominância matriarcal daquelas que têm forte exuberância matriarcal, mas que apresentam também grande presença de alteridade, como é o caso nas culturas da Índia e da Grécia Antiga.

### **A Patriarcalização Defensiva do Cristianismo**

O sacrifício do Filho na visão de mundo patriarcal e monoteísta do Velho Testamento se transformou num mito messiânico dialético com a dominância do Arquétipo da Alteridade. A integração do monoteísmo e do politeísmo foi expressa no Mito Cristão no dogma da Trindade e na Comunhão dos Santos. O dogma da Assunção de Maria no Catolicismo reforçou este componente politeísta de alteridade. Foi exatamente este aspecto politeísta dos santos no cristianismo que propiciou o sincretismo com os Orixás.

A institucionalização histórica do Mito Cristão através do modelo predominantemente patriarcal do Império Romano deformou o Cristianismo intensamente através da patriarcalização defensiva. Em nome do Cristo e da Sua mensagem de compaixão, o Santo Ofício instituiu a Inquisição que reprimiu severamente como heresias as elaborações criativas do Mito. Esta repressão do poder transformador do símbolo do Cristo resultou na sua fixação e formação da Sombra do Diabo como anti-Cristo. Esta fixação foi expressa no culto defensivo do Cristo crucificado, em detrimento da glória da Ressurreição. As principais funções reprimidas no uso defensivo da crucificação foram a agressividade e a sensualidade (que inclui o senso de humor) ambas essenciais para a grande transformação proposta pelo sacrifício do Filho. Esta Sombra foi atuada através da história do Cristianismo e foi a característica central na atitude religiosa dos colonizadores da América Latina.

Quando estava terminando este trabalho para o nosso Congresso, fui consultar um *babalawo* nigeriano, Otumba Odekunle, que vive em São Paulo e levei para ele uma estátua de Exu. Ele consultou Ifá através do oráculo *Ikin* (dos búzios). Exu manifestou-se duas vezes, seguido por Obatala e Oxum. Ele interpretou o Odu e identificou com extraordinária acuidade o significado central do processo de individuação ao qual eu tenho devotado minha vida. Terminando a consulta, apontou para a estatueta de Exu e exclamou: “- Exu apresenta-se nu para chocar, assustar e expor a sua exuberância extraordinária”. Foi provavelmente a luminosidade sacrificial transformadora de Exu expressa nessas características que se

tornou um anzol para o sincretismo defensivo com o Diabo, representante da vitalidade reprimida do Cristo.

## Referências Bibliográficas

Bachofen, Johann Jacob (1861). *Mother Right – An Investigation of the religious and Juridical Character of Matriarchy in the Ancient World in Myth, Religion and Mother Right – Selected writings of J. J. Bachofen*. New Jersey: Princenton University Press, 1967.

Byington, Carlos A. B. (1991). Prefácio. In: SPRENGER e KRAMER (1484) *Malleus Maleficarum – O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos – Record, 1991.

\_\_\_\_\_ (2002). *Creative Envy*. Evanston: Chiron Ed., 2004.

\_\_\_\_\_ (2004). *A Construção Amorosa do Saber – Fundamento e Finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana*. São Paulo: W11 Editores, 2004.

\_\_\_\_\_ (2006). *Psicopatología Simbólica Junguiana em Psicopatología Psicodinamica Simbólico-Arquetípica*. Saiz Laureiro, M. E. (org.). Montevideo: Prensa Médica Latinoamericana, 2006.

Gambini, Roberto (2000). *Espelho Índio – A Formação da Alma Brasileira*. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.

Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1830-1831). *The Philosophy of History*. New York: Dover, 1956.

Jung, Carl G. (1912). *Symbols of Transformation*. CW 5. London: Routledge & Kegan Paul, 1956.

\_\_\_\_\_ (1940-1941). *The Transformation Symbolism in the Mass*. CW11. London: Routledge & Kegan Paul, 1958, par. 296.

\_\_\_\_\_ (1950). *Aion*. CW 9 II. London: Routledge and Kegan Paul, 1959, par. 13.

Neumann, Erich (1949). *The Origins and History of Consciousness*. London: Routledge & Kegan Paul, 1954.

\_\_\_\_\_ (1970). *The Child*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1973.

Perry, John Wein (1966). *Lord of the Four Quarters*. New York: The MacMillan Co., 1966, p.32

Santos, Juana Elbein (1975). *Os Nago e a Morte*. Petrópolis: Vozes, 1977.

Teilhard de Chardin, Pierre (1950). *La Place de L'Homme dans la Nature*. Paris: Éditons du Seuil, 1956.

Verger, Pierre Fatumbi (1981). *Orixás*. Salvador: Ed. Corrupio, 1981.